

UMA PROPOSTA PARA ENSINO/APRENDIZAGEM DE REDAÇÃO:  
ALGUNS CRITÉRIOS PARA COESÃO E COERÊNCIA DO TEXTO

João Hilton Sayeg de Siqueira (PUC-SP)

### INTRODUÇÃO

Muito complexo e controverso ter-se apresentado o exercício da análise discursiva, por isso, certas pesquisas devem ser enfocadas ressaltando suas características específicas e seus processamentos práticos.

Quanto ao primeiro aspecto, convém apreciar o papel relevante que a análise discursiva tem encontrado nas mais diversas áreas do conhecimento humano, insinuando-se de maneira variavelmente intensa nos campos da sociologia, da psicanálise, da informática, da comunicação, da lingüística e muitos outros, sem considerar os contributos específicos que se estendem, operatorialmente, a muitos estudos diversificadamente desenvolvidos nas ciências naturais, humanas e exatas. Tudo isso traz para a análise discursiva características tão diversas quanto seu campo de abrangência, daí o fato de ser considerada complexa e controvertida. Veja-se a este propósito a consideração de Guespin (1971): "Um olhar lançado sobre um texto do ponto de vista de sua estruturação em língua faz dele um enunciado. Um estudo lingüístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso." (p.10); em que há uma distinção básica caracterizadora de texto/discurso pela relação estruturação/condições de produção. Outro enfoque a considerar é o abordado por Lopes (1978): "... o discurso ... é, mais, um querer dizer, um poder dizer, um saber dizer, em busca de um dizer, a solução que só lhe pode ser atribuída por um texto. Este é da ordem da performance, um dizer: o texto diz aquilo que o discurso quer dizer e, assim fazendo, completa a obra." (p.07); em que o autor distingue caracterizadamente discurso de texto por enfoques de modalização. Frente a essas poucas e boas colocações afloram mais evidentes os diversos tratamentos que podem ser dados à análise discursiva; no entanto, um aspecto fica evidente, o que aponta a possibilidade de se distinguir discurso de texto e levantar suas características específicas. É um primeiro ponto a ser abordado neste trabalho.

Quanto ao segundo aspecto, convém levantar as regras que descrevem o processamento prático tanto para uma análise discursiva quanto para uma análise textual. O procedimento tem sido marcado, através da tradição usual dos modelos clássicos, por uma estrutura padrão segundo a seqüência aristotélica: introdução, desenvolvimento e conclusão. Averbuck e Bordini (1978), propondo verificar a real ocorrência

dessa estrutura padrão nos textos apresentados por alunos vestibulandos, concluir pela não atualização frequente desse modelo em redações consideradas adequadas, o que aponta para um segundo ponto a ser abordado neste trabalho, a tessitura dos mecanismos de coerência nos processos comunicativos.

O método adotado é hipotético-dedutivo, compreendendo um conjunto de proposições consideradas verdade por verificação, já que falseáveis, lançando mão de um procedimento teórico-analítico.

#### DISCURSO E TEXTO: CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS

No campo dos estudos seriolingüísticos, postula-se, com frequência, a necessidade de uma revisão mais acurada da competência humana, extrapolando os conhecimentos das regras gramaticais, noção chomskyana, para incluir a consciência do falante quanto ao modus operandi da língua no contexto social. Em outros termos, redefinir a noção de competência, a fim de integrar o domínio que o falante tem das estruturas formais de um determinado sistema lingüístico (construção e reconhecimento de frases bem formadas em sua língua) com sua capacidade de construir e reconhecer unidades mais extensas do que a frase e de adequá-las às condições concretas de uso em várias e diversas situações de interlocuções, embriçadas, inclusive, com outros códigos não-verbais, de modo a poder desempenhar diversas funções.

Tal necessidade encontra respaldo em Benveniste (1974), ao distinguir as condições de "emprego das formas" e as condições de "emprego da língua". Considerando o ato de conversão individual da língua em discurso, considera que o sistema não existe senão no e pelo exercício lingüístico, de modo que a unidade básica deixa de ser a frase e passa a ser o discurso que se efetiva por meio do texto.

Postula-se, portanto, ao horror, uma competência discursiva, uma competência textual e uma competência lingüística, dentre muitas outras que não são objeto de nosso estudo aqui/agora.

Este trabalho visa enfatizar aspectos da competência discursiva e da competência textual, enquanto princípios que norteiam a compreensão de mecanismos de organização do discurso e do texto.

A competência discursiva é aqui entendida como a capacidade do horror de interagir socialmente através da linguagem, desencadeando um processo de enunciação; reconhecer-se como enunciador e instaurar um enunciatário virtual, ou seja, segundo sua concepção cognitiva; adequar-se à situação discursiva estabelecida, enquanto sujeito de convergências e conflitos de normas; distinguir o tempo e o espaço do discurso, na relação enunciador/enunciatário, do tempo da história, mais complexo e abrangente; produzir um enunciado; situar-se na mudança de turnos dialógicos, reconhecendo-se também como enunciatário.

A competência textual, por sua vez, a capacidade do horror de distinguir um aglomerado incoerente de um conjunto coerente de enunciados; detectar quando um texto está interrompido ou completo; conseguir, caso o texto esteja interrompido, completá-lo; parafrasear um texto; condensá-lo ou resumi-lo; dar-lhe um título ou, a

partir de um título, produzir um texto. A competência lingüística tem a ver com a capacidade que o homem tem de apreender e utilizar as regras, socialmente estabelecidas, para manifestar mensagens adequadas através do código verbal; recortar, através da designação, o referente; atribuir-lhe marcas atributivas ao referente a que está submetido; utilizar eficazmente os operadores argumentativos que embriam uma sequência lingüística determinada, a outra; organizar com justeza o encadeamento das sequências enunciativas propostas.

Cabe, portanto, postular competências discursivas, textual e lingüística, bidirecionadas tanto para o enunciador quanto para o enunciatário.

Assim, o discurso é visto como processo, já que, intersubjetivamente, integra enunciador e enunciatário num processo de enunciação. O enunciador produz um enunciado, a partir de seu universo de experiência, que atinge a percepção do enunciatário, decodificando-o a partir de seu universo de experiência próprio, o que resulta, portanto, num outro enunciado. Os dois enunciados apresentam pontos de intersecção que resultam como o rendimento da comunicação.

Caracteriza-se, dessa forma, tanto enunciador quanto enunciatário, como produtores de enunciado, tendo por produto resultante o texto manifesto, atualizado através de um mecanismo de codificação, no caso, o lingüístico. Respaldo teórico pode ser encontrado em Coseriu (1979) que considera o discurso como "atividade em potência" e o texto como "produto", "atividade realizada" (p. 212).

No entanto, considerar o texto como produto de um processo discursivo, não implica em reduzi-lo a um mero soratório de palavras ou uma simples sequência linear de frases. O texto deve ser entendido em toda sua extensão, ou seja, como uma unidade de significação, construída a partir de uma dupla lateralidade, relacionada às micro e macrocategorias que organizam sua tessitura: a linearidade - explícita e tecida pela coesão - e a alinearidade - implícita e tecida pela coerência.

#### DISCURSO E TEXTO: PROCESSAMENTOS PRÁTICOS

Aqui, discurso está sendo enfocado como um processo de produção de sentido, tecido pelos mecanismos interacionais organizados por turnos dialógicos na relação existente entre sujeito enunciador/sujeito enunciatário, procurando detectar, inclusive, o rendimento comunicativo.

Por sua vez, texto é visto como uma unidade de significação, ou seja, uma manifestação enunciativa com uma referência e uma tematização (recorte dado à referência) organizada bilateralmente pela coerência e pela coesão. Entende-se por coerência a organização macrocategorial do texto que, pela manutenção temática e pela progressão temática de cada macrocategoria, possibilita defini-lo como uma unidade temática; e, por coesão a sequência entre as frases, determinada pela argumentatividade do enunciador, através de regras de preceder que organizam a relação e a sequência das proposições enunciadas.

A organização do processo discursivo estabelece-se através de um percurso descrito por:

Consenso - especificidade-não especificidade-consenso; em que o enunciador, ao se inserir num processo enunciativo, busca estabelecer um primeiro contato com o enunciatário a fim de criar um lugar propício de negociação - daí partir do que é consensual - pois sua intenção se assenta em enunciar aspectos específicos de seu conhecimento, de sua experiência, de sua descoberta, com o intuito de transformar o específico em não-específico através da trama argumentativa tecida, visando sempre ao estatuto consensual para o dado específico proposto.

A organização da produção textual estabelece-se por quatro macrocategorias, a saber:

acordo - inforração nova - reciprocidade - avaliação; em que o enunciador, partindo de um acordo estabelecido pela atribuição de um saber partilhado ao enunciatário, propõe uma inforração nova que caracteriza o texto como um lugar de subjetividade (pois se assim não for, será pseudotexto). A fim de tornar o recorte subjetivo aceito, o enunciador busca encontrar, através de confrontos estabelecidos, mecanismos de reciprocidade entre o acordo e a inforração nova, com o intuito de criar procedimentos avaliatórios que tornem sua postura aceita e acatada.

Para que o percurso macrocategorial da organização do texto seja estabelecido com adequação e eficácia, é necessário que o enunciador siga princípios básicos para o estabelecimento da coerência e coesão textuais:

- quanto à coerência, adotamos as "regras-regras" propostas por Charolles (1978): repetição - progressão - não contradição - relação; em que o texto, para ser coerente, deve comportar no seu desenvolvimento elementos de "recorrência estrita" que garantam a homogeneidade das partes, ser que estas sejam simples repetições, mas que apresentem uma renovação progressiva do conteúdo, estando atento para não introduzir elementos serânticos que contradigam um conteúdo posto ou pressuposto anteriormente, a fim de que o conteúdo enunciado seja percebido como congruente no mundo reconhecido tanto pelo locutor quanto por seus alocutários.

- quanto à coesão, adotamos os "laços" apresentados por Halliday e Hasan (1973) e propostos, nos moldes de Charolles (1978), também "regras-regras", a saber:

designação - atribuição - imbricamento - encadeamento; em que o texto, para ter coesão, deve comportar em seu desenvolvimento, elementos léxico-gramaticais de recuperação do referente (tópico) a cada nova atribuição (correntário) enunciada, tecendo, através de imbricamentos, as relações sintáticas coordenativas e subordinativas e dando-lhes um encadeamento lógico-serântico.

Portanto, devem ser esses aspectos de coerência e coesão que devem subsidiar o processo de ensino/aprendizagem de redação, tanto para a orientação quanto para a correção e encerramento do texto produzido pelo aluno.

A título de exemplificação citaremos uma redação escrita por um aluno do Curso Básico da PUC/SP, em 1984, no primeiro dia de aula:

### Minha Geração

Tudo começou quando meu pai me disse para ir ajuda-lo na loja que possuíamos, estava eu com apenas sete anos de idade.

A partir do momento em que comecei a ajuda-lo senti uma diferença enorme da diferença da vida que começava.

Agora com vinte e um anos vejo o quanto esta difícil poder manter o modo de vida levado antes e agora com a situação econômica atual

Vejo o quanto está difícil poder manter um padrão de vida hoje em dia, devido ao problema de falta de emprego e a inflação atual a que passamos.

Não reclamo da vida que levo, apenas acho que está havendo um abuso indiscriminado dos aumentos a que estamos sofrendo, pois possuímos um Brasil rico em todos os gêneros, apenas precisamos saber aproveitar esta riqueza que temos e não deixar as multinacionais aproveitarem e levarem os lucros para fora.

Acredito que se houver uma reorganização da atual administração nós poderemos ter uma geração melhor.

#### Em relação à coerência:

1. a referência dada, "Minha Geração", poderia ser tratizada a partir de um enfoque econômico, como parece propor o texto, só que em momento algum a relação se torna clara, a não ser na última frase enunciada: "... nós poderemos ter uma geração melhor."

2. há uma tentativa de se apresentar uma progressão para o assunto a partir dos aspectos abordados, mas só que cada abordagem se apresenta bastante diferenciada das demais, sem um vínculo preciso em relação à referência e à tratização (supostamente proposta):

- a) no primeiro, segundo e terceiro parágrafos aborda aspectos decorrentes de sua vida em relação ao emprego imposto
- b) no quarto parágrafo aponta causas que tornar difícil a vida
- c) no quinto parágrafo tenta analisar a situação econômica do Brasil
- d) no sexto parágrafo busca apontar solução administrativa.

3. pela falta de manutenção referencial e temática, o texto é marcado pela construção de muitas e várias contradições:

- a) no primeiro parágrafo: "Tudo começou" - a que se refere, ao início da geração?
- b) no segundo parágrafo: "... da vida que começava." - anteriormente se referia à vida?
- c) no terceiro e quarto parágrafos: "... difícil manter um padrão de vida hoje em dia, ... problema de falta de emprego ..." - em que bases fundamenta sua colocação, se no primeiro parágrafo diz estar trabalhando des-

de os sete anos?

- d) no quarto parágrafo: "Não reclamo da vida que levo..." - que relação poderia ser estabelecida com o terceiro parágrafo: "... vejo quanto está difícil manter o modo de vida levado antes e agora...?"
- e) no sexto parágrafo: "... reorganização da atual administração..." - a que administração se refere, frente ao quadro tão diversificado apresentado anteriormente?

4. Devido à variabilidade de tratamento dado à referência "Geração", difícil se torna estabelecer congruidade entre o que está proposto no texto e o conteúdo definatório do termo.

Em relação à coesão:

1. o texto não apresenta designação própria que determine a referência e a tematização, sendo marcado pela utilização de termos vagos:

"Tudo começou (...) senti uma diferença enorme da diferença da vida (...) modo de vida levado antes e agora com a situação econômica atual (...) reorganização da atual administração..."

2. os atributos também são vagos, em decorrência, provavelmente, da não especificidade das designações: "... diferença da diferença (...) possuímos um Brasil rico em todos os gêneros (...) saber aproveitar esta riqueza que temos e não deixar as multinacionais aproveitarem e levar os lucros para fora (...) nós poderemos ter uma geração melhor..."

3. a seleção inadequada dos conectores traz problemas na organização sintática do texto: "... inflação atual a que passamos (...) aumentos a que estamos sofrendo, pois possuímos um Brasil rico..."

4. os problemas detectados e apontados nos itens anteriormente apresentados interferem no encadeamento lógico-semântico das ideias propostas no texto.

## CONCLUSÃO

Ultimamente, os estudiosos da linguagem têm evidenciado um posicionamento que efetiva uma lingüística de texto, a qual se realiza na identificação e caracterização de fenômenos relativos à coerência e coesão textuais. Fundamenta-se na concepção de que os falantes de uma língua, possuem uma capacidade que lhes permite: elaborar textos coerentes e coesos; distinguir as frases que constituem seqüências de um texto daquelas que não o integram; resumir, parafrasear e traduzir textos.

Só que o ensino/aprendizagem de redação ainda continua a ignorar o que está além da frase e se limita a uma abordagem discutível da sintaxe da frase. A

questão da organização do texto é tratada superficialmente, detendo-se no encadeamento prescritivo das orações. Não faz referência a um nível mais profundo e sólido de coerência e coesão textuais.

Assim, ao se recordar o objeto texto, este é abordado como um produto acabado, definido por sua organização superficial, enfatizando, muito mais e quase essencialmente, o erro gramatical.

É por isso que, dificilmente, encontram-se critérios claros e precisos para uma objetiva correção do texto escrito. Assim sendo, os professores ou não corrigem e, simplesmente, encarar o ato de redigir como uma atividade lúdica na escola, ou fazer uma correção bastante superficial, atribuindo um conceito aleatoriamente, sem orientar o aluno a respeito de suas reais dificuldades para que este procure ir suprimindo-as.

O aluno se sente inseguro e passa a desdenhar ou a terer o exercício redacional. A importância está na segurança adquirida pelo aluno em relação ao conjunto de fatores à coerência e coesão textuais, pois é isso que vai torná-lo apto a organizar bem um texto.

---

#### BIBLIOGRAFIA

- AVERBUCK e Bordini (1978) "A Estruturação da Dissertação", in Redação 78, Porto Alegre, UFRS.
- BENVENISTE (1976) Problemas de Linguística Geral, São Paulo, Nacional.
- CHABROL (org.) (1977) Seriótica Narrativa e Textual, São Paulo, Cultrix e Edusp.
- CHARANDEAU (1983) Langage et Discours, Paris, Hachette.
- CHAROLLES (1978) "Introduction aux Problèmes de la Coherence des Textes", in Langue Française 38, Paris Larousse.
- COSERIN (1979) Teoria da Linguagem e Linguística Geral, São Paulo, Presença e Edusp.
- FÁVERO e KOCH (1983) Linguística Textual: introdução, São Paulo, Cortez.
- GUESPIN (1971) "Introduction", in Langage 23, Paris, Didier-Larousse.
- HALLIDAY e Hassan (1973) Cohesion in Spoken and Written English, Londres, Longman.
- LOPES (1978) Discurso Texto e Significação: uma Teoria do Interpretante, São Paulo, Cultrix.

ORLANDI (1983) A Linguagem e seu Funcionamento, as formas do discurso. São Paulo, Brasiliense.

SILVEIRA (1980) Ensino de Gramática a partir de Texto, subsídios à Teoria da Redação, São Paulo, Cortez.

SIQUEIRA (1986) A Dissertação (ênfase textual, intertextual e argumentativa), São Paulo, Educ.